As Saudades do Bardo Orthodoxo

Henrique Ernesto de Almeida Coutinho

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

As Saudades do Bardo Orthodoxo

Henrique Ernesto de Almeida Coutinho

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

AS SAUDADES

DO

BARDO ORTHODOXO,

POEMA.

Fù corto il tuo partir, lungo é'l mio affanno;
Nè gioia spero mai, ch'il riconsole.
Tu ridi, io piango sempre; e sol compenso
Gli aspri martir, se di te parlo e penso.

L. Guidiccioni.

PORTO:

NA IMPRENSA DE ALVARES RIBEIRO,

aos Lavadouros N.º 16.

1837.

On some fond breast the parting soul relies,
Some pious drops the closing eye requires;
Even from the tomb the voice of nature cries,

Even in our ashes live their wonted fires.

De ternos corações busca saudades
'Spirito que se ausenta, e extinctos olhos
Querem piedoso pranto; a Natureza
Lá do fundo das campas inda clama,
    Inda mesmo entre cinzas
Sua chamma usual vive inexhausta.

Gray, _cemiterio da aldea_.

Ao meu amigo,

JOAQUIM TORQUATO ALVARES RIBEIRO.

_Perdeste pais e irmãos, quaes vio apenas
A suspirada em vão Saturnia idade;
E, sob o imperio de Cruel saudade,
Soffreo teu coração amargas penas.
    Carpir alheios lutos
Quem os proprios carpio ah! não recusa;
Nem com olhos de pranto sempre enxutos
Simpathisar consegue a minha Musa.
Mas hoje, amigo, mais propicia sorte,
    Por ver-te resarcido
    Do muito que has perdido,
Deo-te, digna de ti, rara consorte,
Dos thesouros do Ceo mimo escolhido.
Oh! nunca, nunca vos separe a Morte!_

Henrique Ernesto d'Almeida Coutinho.

As saudades

DO

BARDO ORTHODOXO,

POEMA.

Oh que extase ineffavel!.. Nossas almas,
Ao risonho alvejar da madrugada,
Voando sobre as azas transparentes
D'aura fragrante que soprava do Éden,
Anciosas enlaçarão-se, em transporte
De prazer todo angelico! Dest' arte
Extremosos se abração dous amigos,
Que adolescentes vinculára o instincto
D'aurea Virtude em flor, e divididos
Pelo undoso Elemento ha largos annos,
Se, condoida em fim d'ausencia tanta,
A Sorte os restitue um do outro aos braços.
Oh quaes arcanos de ternura eximia,
Toda celestial, vedada ao Mundo,
Su' alma revelou á do consorte,
Á da consorte extatica, engolfada
Em luminosa alluvião de ditas,
Onde de puro amor quasi que expira,
E então resurge entre delicias novas,
Que a flux e a qual mais viva lhe resfolgão

Lá das mansões do sempiterno dia!
Ficai-vos para sempre, ôcos fantasmas,
Glorias mesquinhas que engodais a Terra;
Vós sois menos que nada. Franco e livre
Das terrenas prisões, agora exulto:
Marilia é toda minha, Ercenio é della;
Nossa união revive á luz do Empyreo,
E revive sem fim, sem fim resplende,
Ante a immortalidade anniquilou-se
Tudo que era mortal.--E a um sonho eu devo
Tão fagueira illusão!--Perfido sonho!
Por que assim me exalçaste á summa Esfera,
Para a final me despenhares neste
Ferreo leito de dor, que em pranto alago?
Oxalá nunca mais eu despertasse!--
Vem cá, fiel transumpto, que saudosa
Esta mão debuxou, d'ausencia instada;
Mostra-me essas feições, onde a Virtude
Quasi que sinto respirar tão meiga;
Vem consolar-me:--ás lagrimas d'Ercenia
Tu pareces sensivel; mas aquella
Alma querida, éco immortal dest' alma,
Reluz no Ceo; oh como alli anciosa
Voôu a minha, e se abraçarão ambas!
Momentos divinaes! fosteis acaso
Sonho fugaz, ou eternal presagio?

Envôlta em orvalhoso véo sombrio,

Vem surgindo a manhã. Fica-te, ó leito,
Conscio de veladores pensamento,
De bens sonhados, permanentes dores.
É hoje o anniversario luctuoso,
É esta a hora em que Marilia, a espôsa,
Me disse o ultimo _adeos_, e foi no gremio
Viver do Eterno, e possuir o Empyreo.
Tu, que o harmonico ser deves ao tronco
De longevo cipreste, e es socia em magoas,
Acorda hoje tambem, acorda, ó lira,
E ao sagrado recinto me acompanha.
Eis-nos aqui já nelle.--Ves, ves esta
Relvinha tenra, que o sepulcro veste!
Meu pranto a fez crescer, meu pranto a orvalha,
Como te orvalha as cordas, quando nellas
Suspira melancolica saudade.

Mas qual jocundo anhélito fragrante
Me brinca na madeixa encanecida?--
São auras?--ou bafeja carinhosa
Su' alma os dias meus quasi acabados,
Para affastar-lhes o final momento?
Perdôa, amada esposa! Os meus int'resses
Melhor os sabe a Morte; ella conhece
Que nunca mais desfructarei repouso,
Senão a par de ti, senão comtigo.
Do mundano bulicio ora liberto,
Encósto a frente ao pedestal lascado

Desta Cruz de granito, que protege
Co' a veneranda sombra em tôrno as cinzas,
Té que a resurreição lhes amanheça.
Vós que jazeis nos lobregos abismos
Da moral corrupção que empesta o Glôbo,
Almas cobardes, onde não vislumbra
Nenhuma idéa nobre, e que a Virtude,
Affastada de vós por mui sublime,
Sem poder arrostá-la, um nome a crêdes
D'imagem desprovido, um sonho futil;
Sabeis vós discernir qual prazer seja
O de apertar ao peito ingenua virgem,
Que, os braços maternaes deixando a custo,
Córa entre os braços do feliz consorte?--
O consorte feliz!.. fui eu, por certo.
Depois de lustros quasi seis, volvidos
Em placida união, concorde affecto,
Qual vacuo immenso não deixou nest' alma
O golpe inesperado, a perda ingente!

Em quanto o vulgo seduzido applaude
Prodigios d'ambição, d'heroismo infrene,
Que se nutre de sangue, e anhela estragos,
Eu de louvores perennal tributo
Pagarei á dulcissima consorte,
Mimo celeste, Anjo de paz, que tantas
Lagrimas vio correr, no espaço breve
Da sua habitação cá neste exilio;

E d'enxugá-las, se podesse, todas,
Não cedêra a ninguem o emprêgo excelso.
Envergonhai-vos, sordidos avaros!
Sem ter, sem invejar vossos thesouros,
Marilia mais que vós valeo ao pobre,
Escutou bençãos, mereceo saudades,
Lucrou gloria immortal; e a gloria vossa,
Bem como esse ouro que adorais, é terra.
Mãis indigentes! miseros filhinhos!
Que da penuria, em máos conselhos fertil,
Provais, logo ao nascer, o amargo absintho,
Dizei os dons que de Marilia houvestes,
Dizei quão meiga vos prestou auxilio,
Fallai; que ella o não veda: inteiro um Mundo
De vos, do afflicto Ercenio hoje a separa;
E ao meu amor, ao meu amor sómente,
É concedido percorrer, nos vôos,
Distancia que entre nós se alonga immensa.
Que digo!--Neste valle inda respira
Fiel traslado teu, que, em verdes annos,
Te segue, ó doce amiga, o trilho nobre,
E do materno exemplo nao discrepa.
Eia, rouba sequer ligeiro instante
Ao summo enlêvo, aos canticos celestes,
Deixa o lume pousar da vista affavel
Sobre a terrena estancia, e te compraza
Na filha tua, na florente Osminda,
Se só aos Anjos, qual tu és, qual foste,

Te é dado agora amar, tens nella um Anjo.

Ditosos dias da existencia minha,
Que é feito já de vós! fosteis apenas
Mesquinha exhalação que os ventos varrem.
Já nestes olhos meus cançados, tristes,
Sinto engrossar a nuvem que os abrange.
Tudo perdi no Mundo; só me resta
A Providencia e Osminda. Antes de muito
Ha de sómente a desvelada filha
Ao sepulcro da mãi guiar meus passos.
Assim outr'ora, em nebuloso clima,
Do cantor de Fingal a nora amavel,
A candida Malvina, a flor de Morveu,
Ao jazigo dos seus encaminhava
O sogro, idoso e cego. Trevas, lutos,
Ante mim se revezão, se accumulão.
Eis o Genio do mal campea ousado,
E apregoando bens, traidor sorrindo,
Empesta os corações, domina a Glôbo:
Feroz se atea das paixões o embate,
Chovem sobre a Virtude os improperios,
E dos mortaes a deploranda insania
Só ao Crime feliz prepara os louros.
Ai! neste mar inquieto e procelloso,
Que será pois d'Osminda?--Ó Ser dos seres,
Estende o braço teu; que, á sombra delle,
Perfeito amparo, bonançosos dias,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com